

## ANEXO I – MARIA SYLVIA PINTO



Figura 01 – Foto do programa de recital de 19 de fevereiro de 1950 – no Teatro Francisco Nunes – Belo Horizonte – Acervo da Biblioteca Nacional.

## 1. Traços biográficos<sup>1</sup>

Maria Sylvia Pinto nasceu na cidade de Sapucaia, Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1913, tendo se mudado logo em seguida para a capital. Iniciou seus estudos musicais aos oito anos, já no Rio de Janeiro. Como toda moça da época, iniciou-se cedo no piano, revelando muito talento e um crescente gosto pela música.

Foi aluna de piano de Henrique Oswald, que a incentivou e a preparou para ingressar no Instituto Nacional de Música (INM), hoje Escola de Música da UFRJ. Maria Sylvia ingressou no INM em abril de 1931, na classe de Henrique Oswald. Com a morte de Oswald, em junho do mesmo ano, sua turma passou para as mãos de outro grande músico: Luciano Gallet. Contudo, Luciano Gallet falece prematuramente em outubro de 1931, passando a turma para o professor J. Otaviano. Para ela, J. Otaviano foi um grande professor, um mestre muito exigente. No final de 1931, concluiu o curso, sendo posteriormente preparada por Otaviano para o concurso à Medalha de Ouro em piano do Instituto. Prêmio este que ganhou por unanimidade. Depois do concurso à Medalha de Ouro, Maria Sylvia Pinto aperfeiçoou seus estudos de piano em Paris com os professores Isidor Philipp e Alfred Cortot.

O canto surgiu na vida de Maria Sylvia por sugestão de uma tia, pela qual ela foi criada. Maria foi aluna de Murilo de Carvalho, maior professor de canto da época. Ciente de que possuía uma voz pequena, dedicou-se à interpretação da música de câmara. Com Murilo de Carvalho, estudou grande parte do repertório de música de câmara nacional e internacional.

---

<sup>1</sup> As notas biográficas aqui apresentadas baseiam-se: nos relatos das personalidades que estiveram em contato com a cantora, no seu currículo, publicado no livro “A canção de brasileira – da modinha à canção de câmara”, e em sua entrevista à Rádio MEC, exibida em 28/03/1988 – gentilmente cedida pelos diretores desta rádio.

Seu primeiro concerto foi na Rádio Mayrink Veiga, onde cantou canções francesas. Sua carreira profissional começou, então, na rádio. Posteriormente deu seu primeiro concerto no Instituto Nacional de Música, todo ele voltado à música brasileira. Cantou de modinhas imperiais do século XVIII até as modinhas harmonizadas por Villa-Lobos, Luciano Gallet, Ernani Braga, entre outros. Foi a primeira cantora a dedicar um concerto inteiro a canções brasileiras. O concerto gerou certo furor na época, em que cantar em português era considerado de mau-gosto. Seu segundo concerto foi dedicado a canções folclóricas internacionais.

Realizou diversos cursos ao longo de sua vida, dentre eles o Curso Profissional de Canto, Curso de Dicção e Impostação, de Acústica e Biologia aplicadas à Música, Canto Coral, Folclore, Especialização em Folclore (Folguedos Populares) – todos na Escola de Música da UFRJ. Estudou também no Instituto de Estudos Superiores em Montevideu, no Uruguai. Estudou “Impostação de Voz e Oratória” e “Mitologia Iorubana” na Secretaria de Educação do Estado da Guanabara; Dicção e Impostação de Voz na Associação Brasileira de Imprensa, Cerimônias Religiosas de Influência Africana no Museu Nacional do Folclore e Piano no Conservatório Brasileiro de Música.

Foi uma grande pesquisadora do Folclore, tanto o Nacional como o Internacional. Realizava recitais apenas de canções folclóricas e incentivava compositores a harmonizarem temas folclóricos.

Maria Sylvia foi grande divulgadora da canção brasileira. Considerada por muitos como uma grande intérprete, levou a canção por todos os cantos do Brasil: apresentou-se em Recife, Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Petrópolis,

Ponta Grossa, Campos, Itajubá, Niterói, Nova Friburgo e Londrina. No exterior, apresentou-se com sucesso em Lisboa, Paris, Montevideu e Buenos Aires.

O maior momento de sua carreira se deu por volta de 1962, quando, a convite do Maestro Souza Lima, cantou frente à Orquestra do Estado de São Paulo. Amedrontada de início por causa de sua pequena voz, ela aceitou o convite (um verdadeiro desafio) para cantar a difícil ária da Sheherazade, de Maurice Ravel. Entretanto, uma semana antes da apresentação, Souza Lima muda de idéia e pede quatro peças avulsas. Logo em seguida, a 16 de junho de 1962, apresentou-se no Teatro de Cultura Artística de São Paulo, acompanhada pelo grande pianista Fritz Jank.

Maria Sylvia desenvolveu, ao longo de sua vida, intensa atividade pedagógica. Começou a lecionar no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, ainda no tempo de Villa-Lobos, ocupando as cadeiras de Fisiologia da Voz e Técnica Vocal. Posteriormente sucedeu Brasília Itiberê na cadeira de Folclore.

O Conservatório Nacional de Canto Orfeônico mudou de nome, passando a Instituto Villa-Lobos, atual Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde ela lecionou Canto, Folclore, Prosódia Musical (na cadeira que foi de Ademar Nóbrega) e Música de Câmara.

Em um artigo sobre a história do Instituto Villa-Lobos intitulado “O Instituto Villa-Lobos e a Música Popular”, Ricardo Ventura narra algumas de suas lembranças enquanto aluno de Maria Sylvia na instituição:

“No caso da Técnica Vocal, por exemplo, a professora Maria Sylvia Pinto, suportava com grande elegância o enxame de cantores populares que invadia suas aulas, mas não conseguiu admitir, jamais, a "prosódia desengonçada" das letras das

canções populares que assombravam suas aulas, principalmente aquele canto "fanho" da Bossa-Nova, muito menos o "rouco" do Rock. Diga-se de passagem, que a profª Maria Sylvia, além de excepcional artista tinha uma habilidade didática primorosa. Foi muito amiga de Villa-Lobos. Pena não se encontrar mais entre nós para contar as histórias super engraçadas que sabia sobre o Maestro.” (VENTURA, 2005)

Lecionou Folclore no Conservatório de Música de Niterói, e ministrou vários cursos de folclore e música brasileira no Brasil e exterior: “Introdução ao Folclore Brasileiro” e “O Brasil através do Folclore”, no Instituto Villa-Lobos (FEFIERJ); “Raízes Folclóricas da Música Popular”, no Museu do Folclore; “Curso sobre Música Brasileira”, no Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires, Argentina; “O Brasil e seu folclore”, na Escola de Música Santa Cecília de Niterói – RJ; além de uma “Conferência sobre Música Popular” na Escola de Enfermagem da UERJ.

Maria Sylvia Pinto ocupou a cadeira número 39 – Luciano Gallet – da Academia Brasileira de Música (para a qual havia sido inicialmente eleita no quadro especial de Membros Intérpretes), sucedendo Rossini Tavares de Lima.

Grande ativista da Música Brasileira, a cantora realizou inúmeras gravações, das quais se pode destacar uma gravação das “14 Serestas” de Villa-Lobos, para a Rádio MEC; além de várias gravações disponíveis no acervo da Rádio MEC, para o programa “Música e Músicos do Brasil” com obras de Nepomuceno, Francisco Braga, J. Otaviano, Francisco Mignone, Helza Camêu e Souza Lima. Gravou também uma série de discos com Modinhas Imperiais para o Museu Imperial de Petrópolis (Departamento de Cultura do Estado da Guanabara); e um programa de “Música Brasileira” para a Rádio Nacional de Buenos Aires – Argentina e para a Rádio SODRE de Montevideú – Uruguai.

Maria Sylvia faleceu em 1999, no Rio de Janeiro, aos 85 anos de idade.



## 2. Maria Sylvia Pinto – “uma intérprete”

Maria Sylvia foi muito conhecida em sua época como uma grande intérprete. A própria cantora diz, em entrevista a Lauro Gomes, no programa Música e Músicos do Brasil, exibido em 28 de março de 1988:

“Realmente, eu tinha uma voz pequena, e como a minha voz era pequena, eu, graças a Deus, tive inteligência suficiente para ver – não estou me gabando – para compreender que eu teria que fazer música de câmara, nada mais ali. Então eu me dediquei à interpretação. Eu me considero uma intérprete.” (PINTO, 1988)

Várias são as referências às suas qualidades como intérprete. Todos destacam o fato de ela vencer a limitação de possuir uma “voz pequena”, usando-a com perfeição:

“Ao longo de sua carreira (...) ela se fez respeitar e admirar como musicista de grandes recursos, capaz de estar à vontade em obras dos mais diversos estilos e épocas. (...) Sua sólida formação musical contribuiu em muito para que, durante os estudos de canto com o mestre Murilo de Carvalho, fosse sendo plasmada uma linha de canto que seria uma das características de Maria Sylvia. Na falta do vozeirão natural, ela precisou aprimorar qualidades interpretativas que a armassem para a carreira a ser desenvolvida.” (NEVES, 1985:9)

“A cantora lírica Maria Sylvia Pinto compensava a voz pequena com impressionante clareza de dicção, o que lhe permitiu passar com facilidade do clássico para o folclore e o popular.” (O GLOBO, 01/09/1999)

Andrade Muricy, amigo e crítico musical, afirma que “um recital de Maria Sylvia é sempre uma festa de inteligência. É uma intérprete. Leva até o sofrimento a sua expressividade.” (JORNAL DO COMÉRCIO, RJ, 13/11/1965 in PINTO, 1985:9-10)

Sua interpretação sempre foi muito elogiada pela inteligência musical e dicção perfeita:

“A inteligência musical de Maria Sylvia incluía a indispensável lucidez com relação a seus limites vocais, conduzindo-a a descobrir sempre sua maneira própria de conceber e exteriorizar as obras que cantou. Se Deus não lhe deu a grande voz, compensou-a, e muito, com esta brilhante visão da solução musical a ser dada a cada

peça de seu enorme repertório. Dentre estas soluções, uma foi constante e sempre eficaz: Maria Sylvia soube **dizer** o que cantava, e isto era um de seus segredos. Abordando uma simples canção folclórica ou uma obra francesa sofisticada, ela sempre passava a integralidade do texto e sua essencialidade expressiva. Ela se fazia entender em qualquer língua usada (e ela nem sabe em quantas línguas cantou...), captava o que havia de melhor na musicalidade do som de cada língua. A crítica mais freqüente aos cantores (em que língua está cantando?) nunca poderia ser aplicada à Maria Sylvia. E esta exigência preliminar, tantas vezes negligenciada pelos cantores, foi sempre o ponto de partida para o trabalho mais profundo de exteriorização musical das obras. Pois se **dizer** o texto é a primeira exigência do cantor popular ou erudito, o canto nunca foi declamação pura e simples, e o desafio maior colocado face ao cantor talvez seja usar todos os seus recursos de que dispõem para que o **dizer** se harmonize com os demais elementos do fazer musical. Maria Sylvia soube encontrar esta harmonia” (NEVES, 1985:11-12)

Outra faceta desta cantora também foi bastante reconhecida: sua habilidade como camerista e colaboradora de cantores. “Colaboradora” é o termo que Maria gostava de usar no lugar de acompanhadora:

“Não nos agrada a palavra ‘acompanhamento’ quando se trata de tocar uma canção de câmara; o piano não acompanha o canto como o faria em uma modinha. O instrumento se entrelaça, se junta, se confunde com a melodia cantada, não se podendo separar do canto a parte pianística. (...) Assim, é feliz o cantor que (...) conta com um bom pianista, ou melhor, um excelente pianista para colaborar com ele. A palavra **acompanhador** deveria desaparecer e em seu lugar viria **colaborador**; infelizmente não se dá a devida importância ao pianista que é, além de executante, um grande auxiliar do cantor.” (JORNAL DO COMÉRCIO, RJ, 13/11/1965 in PINTO, 1985:9-10)

Sua idéia de “colaborador” vem certamente da experiência como pianista, tendo se apresentado com inúmeros cantores e instrumentistas em atividades camerísticas. Citado por José Maria Neves no Prefácio do livro “A canção brasileira – da modinha à canção de câmara” de Maria Sylvia, Andrade Muricy afirma que ela era uma “pianista e cantora, [que] acompanha e é acompanhada com a mesma eficiência. (...) Maria Sylvia colabora, não acompanha somente, atua de maneira extremamente vivaz e artística” (PINTO, 1985:10)

Atuou como pianista-colaboradora dos maiores artistas brasileiros de seu tempo, como Maria Lúcia Godoy, Fátima Alegria, Lia Salgado, Amim Feres, Hermelindo Castelo-Branco, Florita Tolipan, Lauricy Prochet, Nilze Araújo Vianna, Geza Kiszely, Carlos Rato e Alfredo Melo.

Reafirmando suas qualidades como intérprete, Helza Camêu diz que Maria Sylvia é “uma eterna namorada do canto simples que vem diretamente da alma popular” e acrescenta que ela é “uma artista completa, que conhece profundamente o clima próprio a cada gênero e a cada época”. Ainda para Helza Camêu, “o compositor brasileiro tem nela a intérprete ideal” e Maria Sylvia é “uma das maiores, senão a maior intérprete da música brasileira”.<sup>2</sup>

### **3. Maria Sylvia Pinto – “uma ativista da música brasileira”**

Outra característica marcante de Maria Sylvia foi sua atividade como divulgadora e pesquisadora da canção brasileira. Sempre pesquisou o folclore nacional e o divulgou em seus recitais pelo país, além de incentivar os compositores brasileiros a harmonizarem temas folclóricos. Segundo Muricy, novamente citado por Neves no Prefácio do livro escrito por Maria Sylvia:

“...a carreira artística de Maria Sylvia tem sido eminentemente cultural. Por mais longe que leve minhas lembranças a seu respeito, encontro-a divulgando música de exceção, pesquisando, acrescentando ao seu repertório, em que há raridades, novas criações de grande classe ou simplesmente curiosas, e obras-documento, representativas da inventiva e da sensibilidade popular.”(MURICY *apud* NEVES, 1985:10)

Consta no seu obituário, publicado em setembro de 1999 no Jornal O Globo, que “Maria Sylvia fez muito sucesso nos anos 50, quando foi uma das maiores divulgadoras da música clássica brasileira, em especial da música de câmara”.

Em depoimento por e-mail, o compositor Ricardo Tacuchian diz:

“Maria Sylvia era uma verdadeira ativista da Música Brasileira. Ocupava a Cadeira nº 39 (Luciano Gallet) da Academia Brasileira de Música. Em função disso (e do

<sup>2</sup>

CAMÊU, Helza *apud* NEVES, José Maria in PINTO, 1985:10.

fato de sermos colegas na UNIRIO) tínhamos bons contatos. Uma vez a visitei no Flamengo, e ela me mostrou uma impressionante coleção de obras brasileiras para canto, muitas em manuscrito, e outras dedicadas a ela, além de edições raras. Não sei onde foi parar esta preciosidade. Um de seus maiores legados foi o seu livro “A Canção Brasileira” (da Modinha à Canção de Câmara), Rio de Janeiro: Edição do autor, 1985. Que eu saiba, desta natureza só existe o livro do Vasco Mariz. O livro é dedicado a Helza Camêu e a Andrade de Muricy, ambos membros da ABM. Guardo saudades da grande mestra com quem não tive o privilégio de estudar.”(TACUCHIAN, 2007)

O livro citado por Tacuchian foi publicado em 1985 e é fruto das pesquisas e da experiência de Maria Sylvia Pinto no terreno da música brasileira.

Como já dito anteriormente, ela dedicava-se ao estudo do folclore brasileiro: tratava o folclore como ciência, como parte da antropologia. Considerava-o como uma matéria muito séria para ser estudada. De acordo com José Maria Neves, na interpretação de canções folclóricas ela soube perceber o que dizia Mário de Andrade: quando uma obra muda de local e de função, quase tudo muda. De acordo com Neves, o harmonizador e o adaptador, assim como o intérprete, devem estar muito conscientes disso. Assim, diz ele, muitos cantores julgaram oportuno e necessário colocar trejeitos folclorizantes ou sentiam necessidade de imitar comportamentos e maneiras de artistas do povo ao interpretar canções folclóricas. Aí também Maria Sylvia levou vantagem sobre muitos outros cantores. José Maria Neves conta que ela se fez estudiosa do folclore brasileiro, desenvolvendo interessantes pesquisas sobre algumas de suas manifestações, e transpôs o conhecimento teórico armazenado, bebido direto da fonte, para a nova realidade dentro da qual as peças passavam a viver:

“O resultado foi, justamente, sua maneira tão pessoal de cantar este tipo de música. A dignidade estava sempre presente, a canção era tratada com o respeito que qualquer obra de arte merece, mas sua interpretação e sua exteriorização iam incorporando, sem afetação, os elementos essenciais da expressividade popular.” (NEVES, 1985:13)

Outro fato que sublinha a sua importância como intérprete e também como ativista da música brasileira foi o seu contato e o reconhecimento conferido a ela pelos maiores compositores

brasileiros. Por sua dedicação à música brasileira, foi convidada por Villa-Lobos para integrar a Academia Brasileira de Música, inicialmente na classe especial de membros intérpretes.

Sobre o seu relacionamento com os compositores, José Maria Neves relata:

“Repertório amplo e variado, e programas sempre marcados por obras não executadas por outros cantores. Quando for feito um estudo aprofundado sobre o repertório vocal brasileiro, a própria cantora se surpreenderá: talvez seja ela a responsável pela maior quantidade de primeiras audições de canções de autores brasileiros, que a ela dedicaram inúmeras obras. E a fidelidade das interpretações estava garantida pela preocupação da cantora em mostrar, sempre, aos compositores como percebia as obras. De fato, Maria Sylvia teve oportunidade de trabalhar com os compositores as sutilezas de interpretação das obras que colocava em estudo (e seu interesse por obras de compositores vivos derivava, em parte, desta preocupação), assim como buscou os conselhos de mestres estrangeiros para encontrar as melhores soluções interpretativas a serem dadas, por exemplo, às canções de autores franceses ou argentinos que divulgou no Brasil.” (NEVES, 1985:11)

Maria Sylvia diz, ao final de seu livro:

“No nosso ponto de vista, o intérprete cantor não é o dono da verdade em relação à canção que vai interpretar. (...) Infelizmente os compositores mais cantados estão mortos, mas quando há os vivos, eles devem ser consultados e opinar sobre o intérprete. (...) nada melhor do que ouvir do próprio compositor uma opinião sobre o que ele pensa, sobre o que imaginou quando escreveu aquela canção. Nós, sempre que pudemos, recorriamos aos autores para conhecer o seu ponto de vista sobre nossa maneira de cantar. Assim foi com Villa-Lobos, com J. Otaviano, de quem fomos aluna, de F. Mignone; deste então tivemos a ventura de cantar inúmeras obras suas e ele sempre tinha alguma coisa a acrescentar. Com Helza Camêu, de quem cantei quase toda a sua obra vocal; com Souza Lima, em S. Paulo, com Waldemar Henrique e Osvaldo de Souza nas canções folclóricas e com Arnaldo Rebelo e Babi de Oliveira. Na argentina ouvimos a crítica de Alberto Ginastera, de Carlos Guastavino e Angel Lasala, este, excelente músico argentino. Em Paris fomos visitar Joseph Canteloube ouvir sua opinião sobre as canções folclóricas francesas por ele harmonizadas.” (PINTO, 1985:105-106).

Sobre sua relação com Helza Camêu, compositora da obra que é tema de estudo desta dissertação, Maria Sylvia diz que ela é um caso à parte em sua carreira porque houve grande entrosamento entre elas e porque considerava Helza Camêu a maior compositora brasileira. Lamentava o fato de a obra dela não fosse mais conhecida, talvez pelo fato de Camêu ter sido muito reservada. Para ela, Helza não era uma pessoa que se promovia como compositora, sendo muito intimista.

Para finalizar estes traços biográficos de Maria Sylvia Pinto, transcrevemos aqui um texto escrito por Helza Camêu, publicado no livro escrito por Maria Sylvia sobre a canção brasileira, por vezes aqui citado:

“Maria Sylvia Pinto, pianista laureada e cantora renomada, brinda-nos com uma obra inteiramente dedicada à Arte do Canto, a que, na verdade, proporcionou-lhe toda uma grande e vitoriosa carreira. Abordando a Canção, sobretudo a brasileira, com minúcias de técnica e sensibilidade, a obra em apreço representa uma continuação da sua vivência como musicista, cantora, concertista e professora. Sob qualquer destes ângulos vêmo-la ministrando lições preciosas por refletirem longa experiência, acurado estudo analítico sobre o gênero – do popular ao camerístico. Um trabalho de leitura amena, instrutivo, até para leigos, endereçado principalmente aos jovens aspirantes a cantor e isto, devemos enfatizar, oferecido por uma artista que sempre soube encontrar a cor exata, a inflexão precisa para uma palavra, uma frase musical, um efeito exigido, em suma a Interpretação adequada e perfeita, que muitas vezes surpreendeu e lisonjeou o próprio compositor pela colaboração oportuna e precisa. Helza Camêu. Rio, 15/03/1985.”



Figura 02 – Escola Nacional de Música – 15/08/1944 – Maria Sylvia Pinto. Foto cedida pela Academia Brasileira de Música.